

APRENDIZ DE COLETOR DE PLANÁRIAS

Coletar planárias terrestres não é uma experiência tão simples assim como chegar à gôndola de um supermercado e apanhar o produto arrolado na lista da compra. Aprende-se a coletar planárias numa seqüência de seis etapas.

Primeira etapa: É fácil coletar planárias.

Esta etapa dura umas poucas horas. O aprendiz de coletor corre a cada minuto até o mestre para lhe mostrar seu talento. Vira troncos e galhos caídos na floresta, recolhe, lesmas, minhocas, larvas de dípteros, às vezes sanguessugas e nemátodes. Orgulhoso, mostra seu butim ao mestre sem perceber que não são planárias.

Segunda etapa: Não existem planárias.

Tem um ou dois dias de duração. Desapontado pela falta de sucesso, passam pela sua cabeça os mais variados pensamentos: *estou com má sorte, nunca encontrarei uma, o que é que estou fazendo aqui?, é muito chato procurar estes bichos insossos...* Enquanto isso, o mestre já achou alguns exemplares.

Terceira etapa: A primeira não se esquece.

Costuma ocorrer dois ou três dias após a primeira tentativa de coleta, às vezes no primeiro. O mestre mostrou-lhe planárias de várias espécies, com diferentes cores, tamanhos e formas, todas com as características peculiares deste grupo –corpo alongado e achatado, sem tentáculos, com a epiderme lisa, movimentos lentos e morosas em reagir quando expostas à luz. O aprendiz retira delicadamente um bicho suspeito do solo e o mostra ao mestre com mesclados sentimentos de apreensão e orgulho. O mestre confirma que é uma planária e, mais ainda, que pertence a uma espécie relativamente rara no lugar.

Quarta etapa: A obsessão. Ocorre após uma ou duas semanas de coletas na floresta. É uma etapa crítica. Em vista do sucesso, o aprendiz está exultante e não pára de virar troncos. O mestre faz uma pausa para beber e petiscar alguma fruta enquanto o aprendiz se arrasta pela floresta. No fim do dia encontra meia dúzia de exemplares. Essa noite vai para a cama com a certeza de um futuro promissor na Biologia. Encontra planárias com certa regularidade. Inclusive à noite, sem lanterna e

dormindo: planárias gigantes, com cores de bandeiras nacionais ou de times de futebol; algumas piscam os ocelos, outras se deslizam dentro da cama. Nesta etapa o aprendiz vê planárias em qualquer coisa que tiver forma alongada: um palito de fósforo, uma rachadura na parede, a estampa de uma saia, um prato de yakisoba.

Quinta etapa: O desvio patológico.

Sobrevém após um ou dois meses de coletas. O aprendiz é pessoa experimentada e reconhece locais bons para achar os animais. Sentado em praça pública, num dia de descanso e lazer com amigos, não resiste ao impulso de indagar a existência de planárias debaixo de um tronco caído. Lê com avidez tudo o que encontra sobre elas e discursa para familiares e amigos sobre as planárias e seus hábitos.



Júlio Pedroni, saindo do estágio de aprendiz.

Sexta etapa: Profissional. Surge com seis meses a um ano de experiência na floresta. O ex-aprendiz prefere horários noturnos para coletar, acompanhando o período de atividade dos animais. Apraz-se em permanecer em silêncio na escuridão da floresta olhando a fauna noturna fervilhar no solo e ouvindo coaxos de rãs e fuçadas de tatu. Na serapilheira umidecida pelo orvalho encontra planárias rastejando, dominando suas presas, ou simplesmente descansando no meio do passeio noturno. Reúne as observações realizadas, e as interpreta e compartilha com a comunidade científica.

Fernando Carbayo.
Mata Atlântica de São Francisco de Paula (RS),
janeiro 2009